

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

**AMABILE LEITE MARCHI**

**LINGUAGEM E SEXUALIDADE EM *A POLAQUINHA*, DE  
DALTON TREVISAN: UM OLHAR DA PSICANÁLISE**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CURITIBA  
2014**

**AMABILE LEITE MARCHI**

**LINGUAGEM E SEXUALIDADE EM *A POLAQUINHA*, DE  
DALTON TREVISAN: UM OLHAR DA PSICANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Inglês, do Departamento de Comunicação e Expressão – DACEX e do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas- DALEM, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes

**CURITIBA**

**2014**



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

LINGUAGEM E SEXUALIDADE EM A *POLAQUINHA*, DE DALTON  
TREVISAN: UM OLHAR DA PSICANÁLISE

por

AMABILE LEITE MARCHI

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em vinte e um de agosto de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Zama Caixeta Nascestes  
Prof. (a) Orientador (a)

---

Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

---

Juarez Poletto  
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Aos que proferiram palavras de apoio e carinho durante todo meu percurso, tornando-o mais leve e tranquilo.

## AGRADECIMENTOS

Mais uma etapa de vida está sendo concluída. Quando paro e olho para trás, percebo que meu caminho esteve povoado de pessoas queridas, que torceram e vibraram junto comigo a cada conquista.

Agradeço a Deus pela capacidade intelectual a mim conferida, pela força interior que me fez caminhar com a certeza da conquista e pelas pessoas que estiveram comigo durante esse percurso, como verdadeiros anjos da guarda.

Toda a minha família esteve sempre disposta a me ajudar. Minha mãe, Glória, nunca, em nenhum momento que fraquejei, deixou de acreditar em minha capacidade e minha vitória ao final. Meu irmão, Décio, sempre orgulhoso de meu esforço, torcendo e ajudando de longe, com palavras amigáveis e um senso de humor incomparável. Meu irmão mais velho, João Henrique, sempre foi uma referência de lutas e conquistas, e também de capacidade intelectual. Meu pai que já fez a passagem há muitos anos, esteve sempre ao meu lado nessa caminhada, pois seus ensinamentos sobre responsabilidade, caráter e luta, vão me acompanhar para todo o sempre. Meus sogros, sempre dispostos a me ajudar, seja cuidando de meu filho, seja com palavras de carinho. Às mulheres de minha família, minhas avós, tias, e primas, eu agradeço pela inspiração e por lutarem por seus direitos, vencendo preconceitos e alcançando os objetivos desejados. Enfim, aos meus amados marido e filho, Diego e Leonardo, só posso dizer obrigada, pois nenhuma palavra é capaz de descrever o sentimento de amor, carinho, cuidado e incentivo que recebi de vocês.

Aos meus queridos professores, agradeço imensamente os ensinamentos que foram capazes de abrir minha mente à uma nova realidade de vida. Confesso que tive uma certa dificuldade, no começo, em aceitar certos conceitos, ou até mesmo entendê-los. Mas, hoje, se me transformei em uma pessoa melhor, certamente vocês cooperaram muito para isso.

Aos meus amigos de curso, que tantas vezes sofremos e choramos juntos pelo medo de não conseguir chegar ao fim, eu digo agora: Nós

conseguimos! Obrigada por fazerem parte disso tudo. Com certeza o caminho foi mais florido e divertido com vocês ao meu lado!

Agradeço também aos professores que passaram pela coordenação do curso ou chefia de departamento, pois sempre lutaram por melhorias para os alunos, nos incentivando a iras em congressos e publicação de trabalhos.

Enfim, agradeço com imenso carinho a paciência do meu orientador Professor, Doutor, Psicólogo e Filósofo Zama Caixeta Nascentes. Você sempre me inspirou em buscar o meu melhor e enxergar o melhor nas pessoas, ensinou que não estamos competindo com ninguém, mas com o melhor que podemos ser. Obrigada, não só pelas aulas pela orientação, mas pela inspiração e pelo exemplo de simplicidade e competência.

"As pessoas dizem sempre aquilo que precisam de dizer, o que não será entendido pelos outros; falar é uma coisa destinada a si mesmo."

Marcel Proust

"Os faladores não nos devem assustar, eles revelam-se: os taciturnos incomodam-nos pelo seu silêncio, e sugerem justas suspeitas de que receiam fazer-se conhecer"

Marques de Maricá

"Abram também os ouvidos para as canções populares, para os maravilhosos diálogos de rua... Neles vocês recolherão o estilo através do qual o humano se revela no homem, e o sentido da linguagem sem o qual vocês nunca libertarão a fala."

Jacques Lacan

"Mais eu falo, mais excitada."

Dalton Trevisan

## RESUMO

MARCHI, Amabile L. **Linguagem e sexualidade em A polaquinha, de Dalton Trevisan**: um olhar da psicanálise. 2014. 46 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Letras Português/Inglês - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

Essa pesquisa visa fazer uma análise literária da obra *A polaquinha*, de Dalton Trevisan. O foco central está na fala da personagem protagonista, que conta sua história, e relata sobre seus relacionamentos sexuais. Utilizaremos alguns conceitos da teoria da psicanálise, de Sigmund Freud, sobretudo os que discorrem sobre o processo de cura em pacientes por meio da fala, assim como sobre o conceito de sintoma.

**Palavras-chave:** *A polaquinha*. Psicanálise. Linguagem. Sexualidade. Prostituição.

## ABSTRACT

MARCHI, Amabile L.. **Language and sexuality in A Polaquinha, By Dalton Trevisan**: a view from psychoanalysis. 2014. 47. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Letras Português/Inglês - Federal Technology University - Parana. Curitiba, 2014.

This research aims to produce a literary analysis of the work *A polaquinha*, by Dalton Trevisan. The central focus is on the speech of the main character, who tells her story, and reports about their sexual relationships. We will use some concepts from the theory of psychoanalysis, by Sigmund Freud, especially those who talk about the process of healing in patients through the speech, as well as the concept of symptom.

**Keywords:** *A Polaquinha*. Psychoanalysis. Language. Sexuality. Prostitution.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 REFERENCIAIS TEÓRICOS .....</b>	<b>13</b>
<b>2 A PALAVRA PROFERIDA .....</b>	<b>18</b>
<b>3 A PALAVRA REPRIMIDA .....</b>	<b>25</b>
<b>4 A PALAVRA TRANSFORMADA .....</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

Inicialmente, a proposta dessa pesquisa era uma comparação da representação do feminino na obra de Dalton Trevisan, utilizando-se das obras *A polaquinha* (1985) e *O vampiro de Curitiba* (1965). No entanto, durante o período de leitura e pesquisa, percebemos a riqueza literária e linguística, a complexidade estética do enredo das obras de Trevisan, assim como a profundidade da teoria psicanalítica. Dessa forma, optamos por analisar uma única obra, *A polaquinha* (1985), na qual focalizaremos na personagem principal e sua posição diante da fala com homens com quem se relaciona.

Sanches Neto (1994, p.32) descreve Polaquinha como uma pessoa que foi explorada e usada pelos amantes com quem se relacionou, e sua busca era pela ascensão social se apoiando em homens que pudessem dar uma vida melhor a ela, assim como pela descoberta da sexualidade e do corpo masculino. Neto afirma que Polaquinha assume uma personagem e fala aquilo que seus clientes querem ouvir, assim como o que nós enquanto leitores queremos ler: a prostituta vitimizada. Será que Polaquinha assume de fato uma outra identidade? Com que intuito ela faria isso? Como ela poderia se passar por outras pessoas sem deixar marcas, na própria fala, de quem ela realmente é?

Vernizi (2006), analisa a Polaquinha como “erótica e transgressora”, baseada nos pressupostos da sociedade patriarcal das construções de gênero. A autora levanta a questão de Polaquinha ser vítima ou algoz de sua própria vida. Freud aparece em alguns pontos específicos de sua análise, nos quais ela enquadra os amantes de Polaquinha em conceitos que tratam das escolhas objetais feitas pelos homens e como se deu o fato de eles a escolherem para estabelecerem uma relação, sendo que quase todos eram casados. A autora conclui sua análise afirmando que os papéis sociais dos homens e das mulheres ainda são muito marcados, e as mulheres continuam sofrendo da mesma discriminação que sofriam séculos atrás. Ela conclui ainda que Polaquinha viveu entre as curiosidades e anseios de uma vida sexual, e o que a sociedade julga ser correto para uma mulher. A prostituição é vista por Vernizi como um castigo imposto por ela transgredir as diretrizes dessa

sociedade patriarcal e ser sujeita de seus desejos. No entanto, ela julga Polaquinha não ser nem vítima, nem algoz de suas escolhas, mas alguém que optou por viver com o que tinha de mais forte, que é sua sensualidade e, por isso, ela teve de arcar com todos os ônus que essa escolha lhe trouxe.

Considerando o lugar importante que a palavra possui na Psicanálise, o foco principal dessa análise será a relação de Polaquinha com a fala. Como Polaquinha desvendou os mistérios da sexualidade? Como se deu sua relação com esses homens e o que eles queriam realmente dela? Estaria Polaquinha atuando como uma moça boba e ingênua, sendo usada pelos homens, ou estaria ela usando esses homens? Todas essas questões devem ser levantadas a partir da fala da narradora, pois sua trajetória e seus relacionamentos sexuais são expostos por meio de suas próprias palavras.

Para que seja possível chegar a uma conclusão acerca das questões levantadas acima, os capítulos serão divididos da seguinte forma: primeiramente faremos um levantamento teórico a respeito dos conceitos psicanalíticos sobre o falar como forma de tratamento, e por meio dele chegar à cura dos sintomas causados pelo recalçamento da fala. Geralmente, esses sintomas estão diretamente ligados aos episódios que fizeram-na desenvolver. Destacaremos também como se deu o despertar das questões da sexualidade e como a fala influenciou nessa questão. O segundo capítulo dedicar-se-á à análise dos primeiros momentos narrados pela protagonista, quando ainda mostrava grande curiosidade e anseio em relação, tanto ao corpo masculino quanto ao próprio corpo. Aqui, ela demandava muitas explicações e perguntas acerca de assuntos ainda desconhecidos dela. Analisaremos as palavras proferidas à Polaquinha e como elas foram recebidas e exerceram influência ou não em sua vida. No terceiro capítulo, discutiremos sobre o relacionamento de Polaquinha com Tito, Nando, Pedro e João, os amantes dos quais ela conta com detalhes suas aventuras. O foco será nas falas demandadas por esses homens em relação à Polaquinha, e como ela lida com isso. No último capítulo, interpretaremos os sete últimos capítulos do livro, nos quais o tempo é transformado e como as palavras refletem esse momento.

## 1 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Para que essa leitura torne-se possível, discorreremos sobre alguns importantes conceitos psicanalíticos no que se refere à fala como fator de cura para muitos sintomas.

Quando recalamos algum conflito psíquico, ele tende a vir à tona de alguma maneira, e geralmente vem em forma de sintoma físico. Quando o indivíduo consegue falar sobre o que lhe incomoda, ou até mesmo, caso não saiba exatamente o que causou aquele sintoma, falar o que vier a sua cabeça, mesmo que julgasse como não importante, ajuda no processo de cura desse sintoma.

O sintoma é gerado a partir de um evento traumático, que deixou marcas, mas que não são lembradas de forma consciente, pois foram recalçadas, e tem uma ligação direta com o fato que as gerou, o qual, se encontra, geralmente, na infância do indivíduo e perdura durante os anos subsequentes, como afirma Freud (1893). Um exemplo de sintoma utilizado por Freud deu-se da seguinte forma: “Uma emoção penosa surgida durante uma refeição, mas suprimida na época, e que produz então náuseas e vômitos que persistem por meses sob a forma de vômitos histéricos.” (FREUD, 1893, p. 20). Quando o assunto é sexualidade, desde crianças, as pessoas desenvolvem desejos, lembranças ou até mesmo ações que não podem ser realizadas, e dessa forma ocorre o recalçamento. Quando o complexo de Édipo é estabelecido, por exemplo, entre uma menina e seu pai, ela vai desenvolver pensamentos e desejos para com o pai que não podem ser realizados, sendo necessário o recalçamento. Daí, surgem muitos sintomas cujas causas são desconhecidas pelos indivíduos por estarem inconscientes. Esses sintomas são a realização de um desejo, e o desejo tem sua origem na sexualidade, mesmo que o indivíduo que sofra desse sintoma não o entenda como tal.

Freud (1893) afirma que, para que se estabeleça uma conexão causal entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico dos sintomas, uma simples pergunta ao indivíduo não é capaz de desvendar essa questão. Ele cita

a hipnose como tratamento eficiente nesses casos, pois assim se pode gerar o sintoma da época em que surgiu pela primeira vez. No entanto, acrescenta Freud, o sintoma desaparecia quando o indivíduo conseguia exprimir em palavras a lembrança do fato ocorrido que gerou aquele afeto. A hipnose é uma forma bastante eficiente de tratamento porque permite ao paciente falar sobre experiências que estão no campo do inconsciente, e de outra forma não seria possível vir à tona.

Verificamos, a princípio para nossa grande surpresa, que cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhava, e quando o paciente havia descrito esse acontecimento com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras. (FREUD, 1893, p.21-22)

Ou seja, para quadros nos quais os pacientes conseguem verbalizar o que primeiramente causou o sintoma, consegue-se, através do ato de fala, chegar à eliminação da patologia. O sintoma histérico desaparece quando o indivíduo conseguia exprimir em palavras a lembrança do fato ocorrido.

Freud (1939, p. 111) esclarece ainda que, para que o processo de cura por meio da análise seja possível, é necessário que o indivíduo fale, não só o que ele sabe sobre si próprio, ou fatos dos quais tem consciência, mas também o que ele não sabe, ou o que lhe parece não ser importante.

Com os neuróticos, então, fazemos nosso pacto: sinceridade completa de um lado e discrição absoluta do outro. (...) o que desejamos ouvir de nosso paciente não é apenas o que sabe e esconde de outras pessoas; ele deve dizer-nos também o que *não* sabe. (...) Deve dizer-nos não apenas o que pode dizer intencionalmente e de boa vontade, coisa que lhe proporcionará um alívio semelhante ao de uma confissão, mas também tudo o mais que a sua auto-observação lhe fornece, tudo o que lhe vem à cabeça, mesmo que lhe seja *desagradável* dizê-lo, mesmo que lhe pareça *sem importância* ou realmente absurdo. Se, depois dessa injunção, conseguir pôr sua autocrítica fora de ação, nos apresentará uma massa de material - pensamentos, ideias, lembranças - que já estão sujeitos à influência do inconsciente, que, muitas vezes, são seus derivados diretos, e que assim nos colocam em condição de conjeturar sobre o material inconsciente reprimido do paciente e de ampliar, através das informações que lhe fornecemos, o

conhecimento do ego a respeito do inconsciente. (FREUD, 1939, p. 111-112)

A questão de falar como processo de cura é um conceito fundamental na Psicanálise. Desde os primeiros escritos de Freud, que datam a época de 1893, os quais comentamos anteriormente, até os que o autor escreveu por último em sua obra, tratam do assunto. Esse era um tema constante para Freud.

O paciente deve livrar-se de sua autocrítica para que possa disponibilizar, por meio da fala, um material rico que servirá de base para o analista conhecê-lo e ajudá-lo, pois ele falará de lembranças, sonhos, coisas que pode julgar sem importância. Esse material é de extrema funcionalidade colocá-lo em forma de palavras para que essas tomem o lugar do sintoma e enfraqueça o material que fora recalcado.

Nesse processo, o indivíduo pode criar um certo vínculo positivo com o analista. Caso isso ocorra, torna-se mais fácil o trabalho, pois o paciente deseja, de alguma maneira agradá-lo, e faz de tudo para que sua cura aconteça de fato, pois existe essa motivação. O contrário também pode acontecer, a pessoa estabelece um vínculo negativo. Isso pode ocorrer pelo fato de o analista o remeter a alguém de sua infância ou de seu passado, e a análise torna-se mais difícil, pois o paciente transfere todo o sentimento que tinha antes por essa figura do passado para o analista. A transferência pode reproduzir a relação do indivíduo com seu pai ou sua mãe.

Outra vantagem ainda da transferência é que, nela, o paciente produz perante nós, com clareza plástica, uma parte importante da história de sua vida, da qual, de outra maneira, ter-nos-ia provavelmente fornecido apenas um relato insuficiente. Ele a representa diante de nós, por assim dizer, em vez de apenas nos contar. (FREUD, 1939, p. 113)

Um dos passos para a cura por meio da análise é a ampliação do autoconhecimento. Todo esse material coletado por meio das conversas, lapsos dos pacientes ou livres associações, ajuda o analista a “fazer construções acerca do que lhe aconteceu e foi esquecido, bem como sobre o

que lhe está acontecendo no momento, sem que o compreenda.” (p.114). Ou seja, o analista colhe na fala do paciente pistas que o levam a desvendar o que fora recalcado e não consegue, posteriormente, lembrar-se, ou colocar em palavras, mantendo assim o sintoma. Esse material é colhido de todas as formas, em todos os lapsos do paciente, em cada palavra que pode parecer não ter ligação nenhuma com o fato desencadeador do sintoma. Por isso é importante deixar o paciente falar o que quiser, pois assim estará fornecendo dicas preciosas para que o analista possa desvendar seus mistérios.

Coletamos o material para o nosso trabalho de uma variedade de fontes - do que nos é transmitido pelas informações que nos são dadas pelo paciente e por suas associações livres, do que ele nos mostra nas transferências, daquilo a que chegamos pela interpretação de seus sonhos e do que ele revela através de lapsos ou *parapraxias*. Todo esse material ajuda-nos a fazer construções acerca do que lhe aconteceu e foi esquecido, bem como sobre o que lhe está acontecendo no momento, sem que o compreenda. (FREUD, 1939, p.114)

Polaquinha, durante toda a narrativa, fala. Ela conta sua intimidade, com detalhes, que por vezes, podemos julgar sem importância. Mas, tudo que ela fala, de alguma forma, está dentro dela, mesmo que inconscientemente. E é justamente nesses momentos que julgamos sem importância ou desnecessários, que a psicanálise afirma estar a chave para desvendar o que foi recalcado e está agora em forma de sintoma. Nas brincadeiras, nos sonhos, nos lapsos, nas lembranças. No que o indivíduo deixa de falar pode haver, também, muito o que analisar. Assim, a fala assume sua importância no processo de análise. Ao falarmos em análise, tomamos consciência daquilo que está reprimido no inconsciente. O que era inconsciente torna-se consciente, o sintoma, que se expressava por uma linguagem não verbal (distúrbios ou inibições no corpo, ideias e pensamentos obsessivos), perde força porque o paciente pode falar do que até então estava reprimido.

Diante dessa exposição, fica clara a importância da fala como válvula de escape para os sintomas recalcados. Freud (1893) cita alguns exemplos dos quais podemos ter essa visão em relação a um fato reprimido voltando à tona em forma de sintoma histórico: “Podemos tomar como exemplo muito

comum uma emoção penosa surgida durante uma refeição, mas suprimida na época, e que produz então náuseas e vômitos que persistem por meses sob a forma de vômitos histéricos.” (p.20). Esse exemplo ilustra claramente o processo pelo qual o indivíduo passa de um evento traumático aos sintomas histéricos. Outro caso que Freud (1893) cita como exemplo é de uma menina que durante anos sofreu convulsões que foram consideradas como epiléticas. Depois de ser hipnotizada, de imediato teve um acesso, e no momento fora perguntado o que ela via, e ela respondeu que o cachorro estava vindo. Mais tarde verificou-se que o primeiro de seus acessos epiléticos ocorreu quando ela estava sendo perseguida por um cachorro muito feroz. Isso pode ser comprovado pelo êxito do tratamento, no qual ela pôde colocar em palavras o que havia ocorrido no momento em que o sintoma fora causado.

Diante das colocações acerca da importância da fala como parte do processo de cura em pacientes que desenvolveram algum sintoma histérico, a análise que se segue visa encontrar elementos na linguagem utilizada por Polaquinha que demonstre como o sujeito, no momento da fala, não se separa de quem ele realmente é, mesmo quando tenta dissimular alguma situação. O foco é o posicionamento da personagem frente aos homens com os quais se relaciona e, como através da linguagem o sujeito se revela mesmo quando tenta se ocultar, fazendo com que o leitor se defronte com novos aspectos da subjetividade de Polaquinha.

## 2 A PALAVRA PROFERIDA

“Bobinha, de mim já não falo.” (TREVISAN, 1985, p.9). A frase que dá início à narrativa Daltoniana já nos apresenta a necessidade da fala para Polaquinha. Essa frase se torna um paradoxo, visto que, em seguida, toda a narrativa da personagem é sobre si própria e suas aventuras sexuais. Ela é a única no romance que não tem nome, conhecemo-la apenas por Polaquinha. Ela é dona de sua história, pois o poder da palavra está em suas mãos, é ela quem nos conta. “Bobinha”, no início da frase, assume a função de vocativo, o que nos leva a crer que sua interlocutora é uma mulher. No entanto, não sabemos com quem ela fala. Em alguns momentos, parece dirigir-se ao leitor, como nos trechos: “Se minha mãe sobe a escada, já viu?” (p. 11), “Não é que boba, volto para pegar?” (p.15) e “O retrato dele a mãe rasgou, senão te mostrava”. ( p.25). No entanto, fica claro no desenrolar do enredo, que Polaquinha tem uma interlocutora, pois a maneira como ela narra mostra que a história está sendo contada para alguém com quem ela está conversando.

O primeiro diálogo que nos é apresentado, mostra-a com várias dúvidas sobre menstruação e o nascimento dos pelos pubianos. Esses questionamentos da personagem nos indicam que toda a curiosidade e necessidade de conhecer o próprio corpo e a sexualidade não fora sanada durante sua infância. Ela trouxe essas indagações até o momento de sua menarca.

Sua irmã é a primeira que supre alguns de seus questionamentos. “Confessei a medo para minha irmã. – Lá embaixo. Ela me acalmou: - Sua tonta, é assim mesmo.” (p. 9). E assim, sua irmã a ensinou a usar a toalhinha para controlar o fluxo, sem grandes explicações ou alguma conversa mais

esclarecedora sobre seu desenvolvimento corporal, menstruação e nascimento dos pelos pubianos.

Quando Trevisan utiliza o verbo “confessar”, já no primeiro diálogo, ele nos remete diretamente a pensar que ela guardou essas dúvidas por muito tempo, e, agora, elas estão vindo à tona de uma forma intensa, como podemos notar nessa passagem em que Freud relata de forma muito clara a importância de descarregar o afeto que fora gerado por alguma ocorrência recalcada, seja em forma de fala, ou até mesmo de confissão.

Mas a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser “ab-reagido” quase com a mesma eficácia. Em outros casos, o próprio falar é o reflexo adequado: quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão. Quando não há uma reação desse tipo, seja em ações ou palavras, ou, nos casos mais benignos, por meio de lágrimas, qualquer lembrança do fato preserva sua tonalidade afetiva do início. (FREUD, 1893, p.23)

Freud (1906-08, p.74) afirma que, quando guardamos um segredo, ou recalamos algum sentimento, isso pode vir à tona, mais tarde, em forma de sintoma. Por isso a importância de se falar sobre o que incomoda ou o que gostaria de saber e conhecer.

Com a criança, a respeito da sexualidade, ocorre da mesma forma. Os pais ou responsáveis, devem fazer esse papel de conversar e esclarecer as dúvidas que, por ventura, a criança tenha. Quando isso não ocorre, esse recalamento do querer saber, pode vir à tona, mais tarde, com muito mais intensidade. Freud (1906-08) esclarece que a maneira com que esse tema é tratado pelos pais, cercado de mistérios, apenas faz com que a curiosidade da criança seja intensificada.

O mistério com que os pais cercam fatos que terminam por vir à tona, tudo isso na verdade intensifica o desejo de conhecimento. Esse desejo, satisfeito apenas parcialmente e em segredo, excita seu sentimento e corrompe sua imaginação, de forma que a criança já peca enquanto os pais ainda acreditam que ela desconhece o pecado. (FREUD, 1906-08, p. 74)

Polaquinha fala que, até então, ela nada sabia sobre o funcionamento de seu corpo. O primeiro diálogo é justamente ela contando de sua curiosidade, ainda não satisfeita, em relação ao próprio corpo. Podemos inferir que, todo esse desconhecimento sobre sexo e sobre o desenvolvimento corporal suscitou nela um grande interesse, que ela própria nos relatará no decorrer de toda a obra. Quando Polaquinha afirma que confessou medo para a irmã, ela está dando os primeiros passos em direção à descoberta da sexualidade, que até então era totalmente omissa em sua casa. “Mistério não discutido em casa. Meu pai discreto, quem viu sem camisa?” (p. 12). Essa afirmação mostra seu pai reservado, nunca ninguém o vira sem camisa, mas o fato de ela levantar essa possibilidade mostra que ela tinha a curiosidade de vê-lo sem camisa.

A criança deve ter o esclarecimento que precisar em relação ao desenvolvimento sexual e ao próprio corpo. Dessa forma, crescerá sem sentimento de culpa ou opressão por parte dos pais ou cuidadores, esclarece Freud (1906-08). A primeira questão, geralmente, a ser levantada pela criança é sobre o órgão sexual e a diferença entre eles que, se for esclarecida com o cuidado e naturalidade que merece, não acarretará nenhum trauma posterior. Em seguida, a criança se mostra curiosa em relação à origem dos bebês. A resposta a essa pergunta, geralmente não elucidada, causa na criança as primeiras reações de desconfiança em relação aos adultos, e passa então a esconder seus interesses mais íntimos. Freud (1906-08, p. 76) afirma que as respostas a essas questões são tão sérias que podem causar, posteriormente, grandes aflições, tornando-se assim, “vítima da neurose que surge de perguntas inconscientes não respondidas - da meditação obsessiva.” (FREUD, 1906-08, p. 76). Porque Polaquinha não tivera essa conversa sobre o corpo humano e sua sexualidade com seus pais, ela demonstra muita curiosidade a esse respeito. Ela já é uma adolescente e interessa-se por sexo, como é comum acontecer nessa fase.

João é seu primeiro namorado. Com ele e através dele que ela obterá os primeiros esclarecimentos sobre o pênis, que ela tanto aspira conhecer. “Me abraçava, eu tremia de gozo. Tanto medo: duro, grande, furando a calça. (...) Pelos cantos, a sua terceira mão, na escola noturna. Oh, João” (p.10). Ela relaciona os momentos com João como uma “escola noturna”, pois dele virá a

palavra antes negada a ela: da mesma forma que em uma escola aprendemos coisas sobre as quais não conhecemos, Polaquinha conhecerá com João a sexualidade, razão pela qual o relacionamento dela com ele se assemelha a uma escola noturna. “Começou a me abraçar e beijar. (...) Ficou excitado. (...) Tirou para fora, era a primeira vez. Não cheguei a ver. Me fez pegar: grande, todo se mexia. Com medo, mas queria – como é que podia caber? Eu queria, mas ele só encostava” (p.11). João estava ensinando-a, da mesma forma que um professor ensina ao aluno, sobre sexualidade, mas Polaquinha tinha uma curiosidade muito maior que João. Ele respondia a todas as perguntas dela sobre o pênis, sua grande curiosidade. “E preto João? Tem pênis preto? (...) Ao perguntar muito, ele se ofendia: - Que tanto quer saber? Quando casar, aprende.” (p.14)

Apesar de lhe ter sido negada essa conversa quando criança, ela não era tão ingênua como se mostrava. Algum conhecimento sobre sexualidade ela já tinha: “O do João, duro sempre” (p. 12). Se ela afirma que o do João estava sempre duro, ela sabia que existiam outros, e que esses outros podiam não estar duros como o de João. Esse outro que ela imagina, não pode ser de outra pessoa que não o do pai.

A primeira transformação que ocorre com a menina no seu desenvolvimento é o fato de ela transferir o que primeiro se constituiu como sua principal zona erógena, o clitóris, e ligar-se à vagina. A vagina, então, exerce o papel principal na constituição sexual da menina. Nesse momento podemos dizer que a menina se tornou feminina. A segunda fase pela qual a menina deve passar é a substituição do objeto de seu amor, que primeiramente é a mãe. Para que o complexo de Édipo estabeleça-se, é necessário que a menina se desligue da mãe e volte sua atenção para o pai. A menina, durante o complexo de Édipo, cria laços de afeição com o pai, no qual ela busca nele o órgão perdido, chamado de complexo de castração. Polaquinha confessa o desejo de ver o órgão sexual do pai. “– Do teu pai, por exemplo. Assombrada com a revelação. – Grande e vermelho. Ah, se pudesse ver, que bom. Lá eu podia pedir: - Paizinho, mostre. Oh, pai. Seja bonzinho.” (p.14). Ela não está realmente se direcionando ao pai, mas imaginando que poderia fazer. Ela nunca chegou a falar isso a ele. Seu desejo era um segredo que só ela tinha conhecimento, pois nunca antes falou disso com ninguém.

Por vários outros momentos, Polaquinha demonstra não ser totalmente leiga sobre a sexualidade. Ela afirma: “Em mim, a primeira vez ia doer, mas era bom. Espirrava um leitinho. Uma gotinha para engravidar.” (p.12). Se ela nunca tivera uma relação sexual antes, como poderia saber que ia doer nela a primeira vez? Como poderia ela saber que bastava uma gotinha para engravidar? Não é aceitável, portanto, que ela seja bobinha como ela mesma sugere em alguns momentos. Ela mesma afirma que nunca foi muito sonhadora, sempre trabalhando e estudando, seu grande anseio era mesmo a rua: “Sonhava era na rua, espiando disfarçada a calça de todo homem.” (p.14). O termo bobinha empregado na primeira frase da obra é utilizado como uma tentativa de Polaquinha em manipular, por meio das palavras, sua interlocutora. Polaquinha tenta nos levar a crer que ela realmente era ingênua e desconhecia por total as questões ligadas à sexualidade. Bobinha é sua interlocutora, não Polaquinha. Quando ela pergunta sobre o pênis de um homem negro, primeiramente ela disfarça sua ingenuidade perguntando do seio de uma mulher negra, assim como ela espia “disfarçada” as calças dos homens na rua. Ela se utiliza de um artifício de proteção, no qual está no papel de inocente e demandando o conhecimento, a palavra alheia.

No terceiro capítulo, há uma quebra no enredo, na qual Polaquinha narra uma perseguição de um tarado. Nesse episódio, mais uma vez, o texto abre caminho para duvidarmos dessa ingenuidade de Polaquinha. Ela, quando percebe o tarado vindo em sua direção, anda mais depressa. O salto de seu sapato quebra e, ao invés de continuar correndo, já que estava com “o coração pulando nos teus pés” (p.15), volta para pegar o salto do sapato: “Não é que, boba, volto para pegar?” Quem, sendo perseguida por um homem, à noite, sozinha, volta para pegar o salto do sapato, a não ser quem queira ser pega pelo suposto tarado? Novamente o termo “boba” utilizado como uma tentativa de manipulação. Polaquinha não é tão boba quanto parece. Nesse momento podemos perceber que ela fala desse ocorrido de forma bastante livre, sem pensar muito. Ela não se dá conta do que acabara de falar, como se deixasse escapar um segredo.

Ela demonstra uma afeição muito grande por João. Foi ele quem primeiramente elucidara suas maiores dúvidas sobre o pênis e, através das palavras dele, primeiramente, ela conheceu o corpo masculino e a sexualidade

propriamente. “Minha paixão era a mesma. Paixão, não, que é passageira. Amor.” (p. 13). João, diferentemente de Polaquinha, não demonstrava tanto interesse sexual. Ele, na verdade, a controlava e não cedia à tentação em realizar o ato sexual, dizendo que só fariam depois de casados.

João foi a primeira e única pessoa que escutou suas dúvidas e as esclareceu. Além de primeiro namorado, foi também o primeiro a ouvi-la e conversar sobre essas questões nunca antes discutidas. Ele deu a ela a palavra que ela necessitava escutar. Desvendou o mistério do corpo masculino e do próprio corpo. João fez o papel dos pais, o qual deveria ter sido feito há algum tempo, pois ela já não era mais uma criança. Mas, ainda assim, ela necessitava ouvir essas palavras de alguém, e esse alguém fora João. Como ela guardou por muito tempo essas dúvidas, agora que elas foram sanadas, Polaquinha tem uma outra necessidade. Ela guardou esses segredos desde sua infância, e isso culminou em uma curiosidade muito grande, a qual transformar-se-á em uma busca incessante por homens que possam sanar, agora, uma outra necessidade: a da busca pelo prazer sexual.

Mais um episódio marca a decepção de Polaquinha pelo fato de João não lhe falar o que era necessário naquele momento para que ela conseguisse, também, a mesma coisa que João conseguiu. Polaquinha confessa à sua interlocutora que ela e João estavam na matinê. Escondidos atrás da coluna, aos beijos e amassos, ela se decepciona com João, pois não teve o mesmo prazer que ele, porque ele não a avisou: “Com bruta raiva, por ter conseguido, eu não. Egoísta, se me avisasse, quem sabe?” (p. 16). Polaquinha tem sede de conversa, de falar, de saber. Se João tivesse avisado, talvez ela teria oportunidade de sentir o mesmo prazer que João. Ela começa a se irritar com o namorado, pois ele está sempre com falta de ar e nunca vai até o final para concretizar o ato sexual. Ela, por vezes, sente-se usada, pois não consegue nunca sentir o mesmo prazer que ele sente.

A curiosidade de Polaquinha sobre o sexo só aumenta: “Eu sonhava como seria meu pai e a mãe. Via os cachorros na rua (...). Engatados, um pra cá, outro pra lá.” (p.16). Ela obteve o esclarecimento verbal das questões sexuais por meio de João, mas agora, ela precisa viver tudo que ela guardou por tanto tempo. E segue com suas perguntas: “Me explica, João. Como é que...” (p.17). O fato de não ter tido o esclarecimento sobre questões da

sexualidade, gerou em Polaquinha um sintoma. Dessa vez, o sintoma veio em forma de imagem, que pode ser vista através do sonho que ela tivera, de como seria seu pai e sua mãe juntos, na cama. Ela recalcou a curiosidade sobre sexo e não perguntou a seus pais, que por sua vez também não a esclareceram da forma que era necessário.

O pai de João morre, e ele se muda com a família para outra cidade. Mas, antes dele partir, ela se noivou, em segredo, com João. A partir de agora, ela começa a negar a palavra que antes lhe fora negada. E, imagina-se conversando com as amigas e falando o que havia visto: “Garotas, eu vi: tão engraçado, as bolas penduradas, aquilo murcho e mole.” (p.17). Ela não conversa de fato com as amigas, não chega a verbalizar o que viu, só imagina que o está fazendo. Dessa forma, ela não descarregou a necessidade de falar sobre o que descobrira, ela recalcou a palavra.

### 3 A PALAVRA REPRIMIDA

“Numa festinha conheci o Tito” (p. 18). Tito, ao contrário de João, insistiu bastante para encontrar-se com Polaquinha, era “delicado e paciente” (p.18), e estava sempre elogiando-a. Ele falava bastante, e sempre palavras delicadas, que faziam bem a Polaquinha ouvi-las.

A essa altura, João quase não escrevia mais. Esse silêncio por parte de João, acabou influenciando a decisão de Polaquinha em aceitar o convite de Tito. “Meses depois, o João quase não escrevia mais, saí com ele de carro.” (p.18). Polaquinha requer relacionar-se com alguém que consiga suprir essa necessidade dela em falar, seja escutando-a, ou até mesmo falando aquilo que ela precisa ouvir. Tito é carinhoso também nos gestos para com ela, sempre a beijando e a acariciando com muito cuidado. Esse modo de Tito dirigir-se a ela fez com que, nesse primeiro momento, ela cedesse às investidas dele. Apesar de ele ser casado e pai de um filho, fato esse que não impediu o relacionamento dos dois.

Logo ela perdeu a virgindade. “Me tirou toda a roupa. Não é que deixei? Começou a me beijar. Mil cuidados, era virgem, - Não tenha medo. Não acontece nada.” (p.18). Tito conquistou Polaquinha com palavras doces e amáveis, e guiou-a em sua primeira relação sexual. Depois de receber de João esclarecimentos sobre o pênis, ela está aprendendo com Tito, na prática, o que antes aprendera por palavras com João. Fato esse que contradiz o que Polaquinha disse lá no início, de que tinha medo de como seria a primeira

relação sexual, tinha medo que doesse. No entanto, esse medo não apareceu no momento em que o ato se concretizou. Mais uma vez Polaquinha dissimula sua palavra e nos leva a acreditar que ela trata sua interlocutora como se fosse boba, pois não percebera essas nuances em sua fala.

Apesar de todo o silêncio por parte de João, Polaquinha não o esquecia: “Gostava dele, mas o João não podia esquecer.” (p.18) Fato conferido por ter sido ele quem primeiramente proporcionou todo o conhecimento que era por ela demandado. Ela resolveu escreve-lo e marcaram um encontro. Ele veio, mas Polaquinha teve que insistir muito para que ele aceitasse ir ao hotel. Com João, as coisas aconteciam de maneira diferente do que como ocorria com Tito e com os outros amantes que veremos mais à frente. Com João, ela tinha sempre que convencê-lo de fazer o que ela queria. Com Tito, era o oposto. Era ele quem insistia para que ela aceitasse o encontro ou a relação sexual. Depois de muito beber e conseguir convencer João em ir até o hotel, eles tiveram pela primeira vez uma relação sexual. “Até que consegui, já cansada, cheia de raiva. Bem que foi uma droga: só dor, nenhum gozo.” (p.19). Além de ter que insistir muito para que ele aceitasse, foi uma decepção, tanto pelo ato em si, como pelas palavras proferidas por João em seguida: “- Você não é mais pura. Não é mais virgem. Nunca foi.” (p.19). Nesse momento, João reivindica explicações por parte dela. Ela cala-se. Ela está fazendo agora com João o que ele fez depois que foi embora. Em meio a tanta hostilidade vinda dele, sua arma é o silêncio.

O fato de João julgar Polaquinha, a acusando de não ser virgem, de nunca ter sido virgem pode soar como uma cobrança. Como ele foi a pessoa que primeiro desvendou os mistérios do sexo e do corpo masculino, ele pode estar sugerindo que o fato de falar de sexo configura uma defloração, tanto como o próprio ato em si. Pois como explicar que alguém nunca tenha sido virgem?

Nesse momento, é como se um laço se desprendesse. Polaquinha não demanda mais a palavra, pois ela já a detém. Agora, ela é quem nega o que lhe fora negado durante tanto tempo. Polaquinha entendeu a força que as palavras podem exercer sobre as pessoas: “Só não me chamou de puta, palavra muito forte.” (p.19). Polaquinha entendeu o poder das palavras por meio das que foram proferidas por João. De agora em diante, ela usa as

palavras, proferindo-as ou reprimindo-as, como uma arma a seu favor. Quando ela finalmente entendeu a importância e a força das palavras, ela passou a valorizar também o silêncio.

Depois da decepção com João, ela corre aos braços de Tito, por quem é consolada. “Esse João é um bobo.” (p.19). É como se Tito sentisse a necessidade que Polaquinha tem em ouvir exatamente aquilo que ele fala. “- Não fosse meu filho tenho adoração por ele. Já me livrava dessa cadela.” (p.20), referindo-se à esposa. Polaquinha não respondia. Nada tinha a dizer sobre esse assunto. O que lhe interessava, eles faziam: “- Ai, como é gostosa. Só gosto de você. Quero você para mim. (...) Ele fez em mim, eu nele” (p.20).

Assim como Polaquinha, Tito também sente necessidade de conversar e confessar seus segredos a alguém. Essa pessoa com quem ele se confessa é dona Lurdinha, amiga de Tito e da esposa. Ela sabe da relação dele com Polaquinha, e acoberta-a. “O Tito se confessava com ela. Furioso por mim, não sabia o que fazer. Eu era o seu sonho não realizado.” (p.21). Ele não podia guardar o segredo de seu relacionamento extraconjugal, precisava compartilhar com alguém, e essa pessoa era dona Lurdinha. Tito sentia-se culpado por estar com outra mulher sendo casado, mesmo dizendo não ser feliz no relacionamento. Por isso ele tenta explicar seus motivos para dona Lurdinha, como se precisasse de um consentimento ou uma palavra que o libertasse da culpa que sentia.

O processo agora se inverte. Antes, ela precisava da palavra de João, agora Tito quer ouvir declarações de amor e de satisfação sexual. Ela nega isso a ele. Mesmo Tito sendo carinhoso e atencioso, ela não cede. Continua a reter a palavra por ele demandada. “-Ah, loirinha. Diga uma palavra só. Por você eu deixo a Lili. Esqueço meus filhos. Não é engraçado: muita adoração te deixa um tantinho enjoada? Fiquei de dar uma resposta.” (p. 21). Ela, depois de receber a notícia do falecimento do pai, tendo que viajar às pressas para o velório, mais uma vez nega a Tito o direito de saber o que ele precisava, que era o paradeiro dela. Ela não o comunicou. Ele, desesperado, foi atrás de sua amante em busca de uma explicação e capotou o carro, foi em busca da palavra negada. Ele precisava que ela falasse, que ela se expressasse. “Foi se arrastando me procurar. (...) -Você sumiu. Que aconteceu? Fiquei desesperado. Por que não avisou?” (p. 22). Neste ponto, notamos que a

necessidade de Tito é exatamente a mesma que Polaquinha expressara lá no início, quando namorava João e ele não a avisara que estava prestes a ter um orgasmo. No caso de Tito, ele precisava ser avisado de notícias dela, ele queria saber o que se passava com ela. Do mesmo modo que João não a avisou, ela não avisou Tito.

A importância da palavra para Polaquinha pode ser notada ainda nas lembranças que ela conserva do João. Continua a pensar nele, e, novamente, o fato se repetia. Apesar de amá-lo, ela se guardava ao direito de não falar de sua vida, não contar o que ele queria saber. “- Teu seio é muito pequeno. Tua perna, muito fina. Não fui o primeiro. Me conte quem foi. Aquele teu primo?”, “O João me procurou. Por telefone. Em pessoa. Mandou recado. Não respondi.” (p.22). O parceiro em quem ela confiava e que tanto a ajudou, também foi quem primeiro a magoou com fortes palavras de julgamentos. João não acreditava nela e afirmava que ela já não era mais virgem, a ofendendo e a deixando triste. “Seria marido chifrudo. Nunca me deixou gozar, assim não fico mal-acostumada? Injusto, só me censura, inventa defeito” (p. 23). Ele desenvolvia por ela uma mistura de sentimentos, que vai desde a desconfiança até o desejo. O fato é que a relação sexual com João não fora nada prazerosa. Muito pelo contrário, causou tristeza e revolta, tanto pela ausência de prazer, como pela maneira como João a tratou posteriormente, acusando-a e humilhando-a. Esse é mais um motivo para que Polaquinha use do mesmo artifício que João usou com ela, para com os outros amantes. João foi quem esclareceu suas dúvidas, mas foi também quem fez das palavras sua arma, tanto para agredir e julgar, como para conquista-la.

Quando Polaquinha conheceu Nando, o advogado que procurou por estar com problemas no hospital, ele logo se interessou por ela. Mas, como sempre, em uma das primeiras conversas entre os dois, assim como ocorreu com Tito, ela fala de João. Ela tem uma necessidade de falar desse amor não correspondido, de querer provar que João não é bom com ela. “Contei de meu noivo, o ingrato eu ainda amava.” (p. 25). Essa necessidade em falar do “noivo” que a rejeitou pode ser lida como mais um artifício que Polaquinha utiliza para manipular e conquistar seus amantes, pois homens querendo consolar mulheres abandonadas há muitos. Do noivado esse que só ela sabia, nenhuma palavra fora dita sobre esse assunto com João. Polaquinha intuiu que existem

homens que tem como escolha objetual de seu amor mulheres que são proibidas por serem comprometidas, assim ela inventa esse noivado para tornar-se proibida e conseqüentemente mais atraente aos olhos de alguns homens. Tanto que todos os amantes dela, com exceção de João, também são casados, assim como ela é noiva, em segredo, de João.

Ao saber do encontro da filha com um desconhecido, a mãe de Polaquinha preocupa-se e não acha certo que ela se encontre com esse homem. Mas, pela primeira vez, Polaquinha diz não à sua mãe. Ela, aos poucos, está se libertando da família. “Primeira vez à minha mãe eu disse não.” (p.25). Ela sente-se mais madura e não precisa mais das explicações da mãe, pois agora ela já tem todo o esclarecimento de que necessitava quando era mais nova.

Com Nando, assim como com os outros dois anteriores, ela prefere ficar no papel de ouvinte. “Falou dele, até da paralisia infantil, usava palmilha no sapato feito à mão. Eu, de mim - pobrinha de mim, não era nada. Nem uma doença grave interessante.” (p. 25), “– Não posso, Nando, jurar amor eterno. Não sei o amanhã. Com você não tenho futuro.” (p.33). Nando era paciente, experiente e era o único que a entendia de verdade, como falado pela própria Polaquinha. No entanto, o fantasma do João não saía do pensamento dela. “O culpado sou eu? – Então sou eu? – Nenhum dos dois. É o maldito João. Dizia o nome dele e, em silêncio, o do João.” (p. 32-33). Com João, Polaquinha aprendeu sobre o corpo e o sexo, mas foi com Nando que teve seu primeiro orgasmo. Por isso, ela dizia o nome dele, Nando. O do João, ela também dizia, mas do mesmo modo como lidava com ela, em silêncio. Por dentro ela queria João, mas silenciava suas palavras.

Sua experiência sexual com Nando fora bastante prazerosa, a ponto de, pela primeira vez, ela ter um orgasmo. E as palavras de Nando ficarão na memória dela: “- Mais importante que o cabaço. Esse é de qualquer um. Lembre-se Polaquinha.” (p.31). Nesse momento de prazer e satisfação, Polaquinha disse a ele: “– Te adoro, meu único amor. Para sempre.” (p.31). Essas palavras ela nunca disse, nem mesmo para João. Ela apenas imaginava que dizia. Mas para Nando ela disse, impulsionada pelo sentimento de prazer e satisfação.

Mas, por outro lado, mais uma vez Nando quer que ela fale: “Quem foi que te ensinou? Essa, não. Um João na minha vida não basta? (p. 34). Ela não consegue lidar com palavras de julgamento e cobrança de Nando. Quando ele pede para que ela responda a essas questões, ela se cala.

Os capítulos nos quais ela narra sua relação com Nando são mais numerosos que os que ela conta de Tito e João, embora o último apareça durante todo enredo. Essa fala mais prolongada de Polaquinha em relação a Nando pode configurar uma afeição maior por ele do que ela teve pelos outros. Ela afirma que Nando era o único que a entendia e com ele aconteceu seu primeiro orgasmo. “Ele gritava, fazia o maior escândalo. Eu, nada: era bom, mas não tanto. (...) Seis meses depois, aconteceu.” (p. 28-29). Esse momento de seu primeiro orgasmo é muito importante, pois foi longo o percurso desde sua primeira vez até ali. Quando ela iniciou o relacionamento com Nando, já possuía uma experiência anterior com Tito e João. No entanto, o orgasmo ela nunca conhecera. Ela pergunta: “Como é o gozo? Me explique, Nando.” (p.29). Polaquinha ainda demanda a palavra sobre sexo, mas dessa vez ela quer saber sobre o orgasmo, pois ainda não conhece. Dessa vez, quem faz esse papel é Nando, que não explica com palavras, mas proporciona o momento de máximo prazer a ela. Ele respondeu que confiasse nele, que quando menos se espera, acontece. Ela aceitou essas palavras e confiou. Algum tempo depois, ela conseguiu. Nando se declara com palavras amorosas: “- Eu te gosto tanto. Te adoro. Só vivo por você. É tudo pra mim.” (p.29). E as palavras de Nando continuam amáveis: “- Quer que eu pare? O que eu faço? Me diga. O que quiser. Tudo, meu amor” (p.29). Nando falava tudo que Polaquinha queria ouvir, e isso ajudou para que ela realmente confiasse nele. “-Agora. Goze, Polaquinha. Entregue-se. Suspire. Grite comigo.” (p.30). Ela estava muito satisfeita e dizia que Nando era o professor, que a ensinara como chegar ao orgasmo. Podemos comparar Nando com João, sendo que os dois foram professores dela. João foi o primeiro a abrir as portas do conhecimento sobre o corpo masculino e feminino, e Nando sobre o orgasmo. Com esses dois, Polaquinha estabeleceu uma relação de maior cumplicidade.

No entanto, depois de uma cirurgia de vasectomia feita por Nando, o relacionamento deles começa a decair. Ele não consegue mais ter a desenvoltura sexual como era antes, e isso faz com que, aos poucos, ele vá se

afastando e o relacionamento vai esfriando. O desempenho sexual afeta toda sua vida, ele começa a sentir ciúmes dela e a beber demais. Procura por outras mulheres, achando que assim pode conseguir resolver o problema. Sua atitude para com Polaquinha mudara. Aquelas palavras amáveis e de confiança foram substituídas por palavras de julgamento de hostilidade. “Assim que gozava: - Nenê hoje não tem. Está grávida, você? De mim sei que não é. - ...” (p. 39). As palavras de Nando agora se igualam às de João. Polaquinha recua nesse momento e silencia. Ela não consegue lidar com esse tipo de julgamento e atitude desrespeitosa para com sua pessoa. Ela nunca revidou nenhuma dessas ofensas. Como afirma Freud (1893), uma ofensa que não é revidada, seja em forma de palavras ou com uma vingança, ou até mesmo choro, acaba sendo recalçada e voltando em outro momento em forma de sintoma.

O esmaecimento de uma lembrança ou a perda de seu afeto dependem de vários fatores. O mais importante destes é *se houve uma reação energética ao fato capaz de provocar um afeto*. Pelo termo “reação” compreendemos aqui toda a classe de reflexos voluntários e involuntários - das lágrimas aos atos de vingança - nos quais, como a experiência nos mostra, os afetos são descarregados. Quando essa reação ocorre em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece como resultado. (...) Quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança. Uma ofensa revidada, mesmo que apenas com palavras, é recordada de modo bem diferente de outra que teve que ser aceita. A linguagem também reconhece essa distinção, em suas conseqüências mentais e físicas; de maneira bem característica, ela descreve uma ofensa sofrida em silêncio como “uma mortificação” [*Kränkung*], literalmente, um “fazer adoecer”]. (FREUD, 1893, p. 22-23)

Fica claro que Polaquinha não revidara nem os insultos de João, nem os de Nando, quando esses faziam perguntas invasivas ou até mesmo julgamentos. Dessa forma, Polaquinha guardou todo esse afeto, que em algum momento precisa achar uma saída.

Enquanto Nando sofria com seus problemas de ordem sexual, como a impotência e a incapacidade de dar prazer a Polaquinha, ela conhece tia Olga. A famosa tia Olga, que era uma conhecida cafetina que aliciava meninas para trabalhar como prostituta. Polaquinha, depois de uma conversa, acaba por aceitar o convite de Olga para sair com um homem

- Um amigo meu. Gerente de banco. Muito discreto. Quer uma menina nova. Limpinha. Paga tudo. Pode vir? Morrendo de medo, eu fui. Ela me instruiu. – Tem que dar uns beijinhos. Homem gosta disso. Que você fique agradando. Dizendo que é gostoso. O dele é graaande. Toda posição é nova. Ensinava o que dizer, como fazer. (...) Morrendo por dentro e sorrindo feliz. (TREVISAN, 1985, p. 46)

Tia Olga, muito experiente na vida e no ramo da prostituição, passou alguns ensinamentos para Polaquinha. Tia Olga dizia-lhe que os homens gostam que as mulheres falem que eles são gostosos, que o sexo está gostoso, que os pênis deles são grandes. Enfim, os homens gostam de ser agradados não só com as atitudes de sensualidade e com o sexo, mas também, e principalmente, eles gostam de ouvir elogios relacionados a sexualidade deles. Tia Olga ensinou tudo isso à Polaquinha. E, assim começou, sob os ensinamentos de Tia Olga, Polaquinha atender seus clientes. “Sai o tipo, ela te interroga. Tem que contar direitinho.” (p.46). Ela exigia uma detalhada explanação do que ouve dentro do quarto, como se a satisfizesse ouvir as aventuras sexuais de suas meninas. Olga tem um poder de manipulação muito grande, por meio de perguntas e ensinamentos, ela diz tudo que Polaquinha tem que fazer. E quando o cliente sai, ela quer saber tudo que ocorreu. Olga controla Polaquinha só com conversa. Mas, Polaquinha, que de boba nada tem, também manipula Olga, mentindo ou omitindo sobre os acontecimentos. “Claro, eu mentia sempre. Mais de um falou mal, boba não fui de contar.” (p. 46). Polaquinha percebeu que com Olga ela precisava ser mais esperta. Começou a manipulá-la também omitindo algumas informações de como foi o atendimento ao cliente. Polaquinha não contava tudo que se passava dentro do quarto.

Polaquinha contou de seu caso com Nando para tia Olga. Essa aconselhou-a a exigir dinheiro dele. “-É uma boba. Deve exigir. Tem que cobrar. Ele te explora.” Essas palavras de tia Olga fizeram algum sentido para Polaquinha, que já estava cansada da crise de Nando. “Falando assim, achei que era a minha melhor amiga.” (p.47). As palavras de tia Olga tinham influência em Polaquinha, porque faziam sentido para o que ela pensava sobre Nando e sobre a vida.

Mesmo Nando com vários problemas, como a impotência e o alcoolismo, ele continuava com palavras de carinho e preocupação com

Polaquinha. “- Te falta alguma coisa? O que está precisando?” (p.49). Todo o capítulo quatorze é dedicado a um desabafo de Polaquinha em função do abandono de Nando, que se apaixonou por outra mulher, amiga de Polaquinha. Nesse capítulo ela lamenta ter perdido tanto tempo de sua vida se dedicando a Nando e nunca ter pedido nada em troca. Nesse momento, ela consegue falar do que a incomoda, e dessa forma está dando vazão ao sentimento que foi reprimido quando Nando demonstrou os primeiros sinais de que a relação já não estava bem. Ela desabafou que Nando conquistou muitos bens desde que a conheceu, mas nunca deu nada a ela. Esse é um fato que ela vai retomar mais à frente, pois ela esperou de Nando alguma recompensa pelos anos de dedicação, no entanto isso nunca fora verbalizado antes. Polaquinha sente-se enganada e usada por Nando, e acha que devia ter sido mais ambiciosa e mais esperta. Ela desabafa toda sua tristeza pela perda de Nando e por não ter nada na vida, e afirma: “Sei lá. Você nunca sabe nada de ninguém”. (p.51). Essa frase é muito simbólica, pois reflete o pensamento que Polaquinha tem em relação às pessoas. Assim como ela não é uma pessoa confiável, pois assume um papel de boba quando na verdade não é, ela imagina que todas as pessoas também agem da mesma forma. É como se nesse momento Polaquinha despertasse para uma nova realidade de vida, muito mais cruel e solitária. Lembrando João e Tito, ela demonstra o quanto gostava de Nando: “me dá uma saudade. Mais que do João. Com o Nando tudo aprendi Foi o primeiro gozo.” (p.51). Nando foi o responsável pelo amadurecimento sexual de Polaquinha, e isso tinha muito valor para ela, por isso tanto cuidado para com Nando.

Ela começa a notar o motorista do ônibus que passa a pegar. Ela afirma: “O que me chama a atenção? É a mecha de cabelo branco.” (p.52). A primeira característica que lhe chama atenção é o fato de o motorista ser um homem mais velho. Ela faz uma longa descrição do motorista, que chamou muito sua atenção, e percebe logo que, assim como ele olha para ela, ele olha para todas as outras passageiras.

Certa que nunca lhe darei confiança. Ora, um motorista. Ainda mais, ele. Vulgaridade em pessoa. O tom canalha de voz. O pente do falso galã. Até o espelhinho redondo de mão. O pobre uniforme: calça

marrom, camisa amarelo-canário, mancha de suor no braço. Sempre se retocando, a famosa mecha branca – quem sabe pintada? Mulher não pode ver. (...) Comigo se engana. Morro mas não. – Uma da coleção, eu? Depois do João, do Tito, do Nando. Um médico, um engenheiro, um advogado. Acabar com um simples motorista? **Sem** admitir, já interessada. (TREVISAN, 1985, p. 55-56)

O que faz com que, inicialmente, Polaquinha note a canalhice do motorista é o tom de voz. Ela nota muito particularmente na voz dele, nas palavras. Polaquinha interessa-se por Pedro desde a primeira vez que o viu, no entanto, reluta muito para aceitar esse sentimento. Ela o diminui por ser motorista de ônibus, por não ter modos, por ser garanhão e ficar olhando para todas as passageiras. O fato de ele encarar as passageiras, assim como o fato de ele falar errado, não conhecer muitas palavras é algo que a incomoda de início, e faz com que ela tenha uma certa resistência em relacionar-se com ele. Entretanto, Polaquinha o deseja, por mais que ela negue. Quando ela afirma: “Sem admitir, já interessada” (p. 56), ela repete o mesmo recurso utilizado outras vezes na narrativa para dissimular seu real interesse. Ela está mentindo para si própria quando não admite sua atração por Pedro.” Dos braços de três doutores- um mísero motorista, e de ônibus? (...) Luto comigo: mudo o horário, troco de ponto, viajo de olho baixo.” (p.56). Apesar de todos esses contras, ela o deseja.

Quando Polaquinha encontra uma amiga, aproveita para fazer algo que a ajuda a sentir-se melhor: conversar. “Já me confesso. – Sabe o que, polaca? Ele se sente inferior. Não tem coragem.” (p.57). Polaquinha assume para essa amiga que sente-se atraída pelo motorista, mas que ele não se manifesta, não tem a atitude de ir conversar com ela. O conselho da amiga é para que Polaquinha vá conversar com ele.

Marcaram de se encontrar, devido a muita insistência dela. Nesse primeiro encontro, só bolinação. “Meio selvagem. Entre suspiros breves, gemidos fundos. Quase não fala – até hoje.” (p.61). Logo de início Polaquinha notara que ele era de pouca conversa. “Ontem me beija, o veado. Hoje, só me olha. Nem vem falar. Ah, desgracido.” (p. 63). Essa pouca fala por parte do motorista a incomoda um pouco, mas isso não impediu que se encontrassem novamente. Ela estava decidida em realizar o ato sexual, sem que fosse dentro

do ônibus, já que ele não queria entrar na casa dela. Mas, por algum motivo, ele resolve ir até lá. “– Não baixinha. Hoje vou aí. Me espere. (p. 64). E, então, o encontro aconteceu. Novamente Polaquinha observa que ele é de poucas palavras: “Fala comigo e de olho na tevê.” (p.65). A primeira relação que tiveram foi bastante prazerosa para Polaquinha. Ela estava esperando algum motivo para que pudesse esquecer Pedro, e o sexo seria um motivo importante. Mas para sua surpresa: “Ah, a primeira vez fosse uma decepção. Logo o esquecia. Acabava essa fantasia boba. Bem ao contrário, ai de mim: um prazer furioso desde o comecinho.” (p.67). E logo o compara a Nando, João e Tito, afirmando que nunca sentira com eles tanto desejo quanto sentiu por Pedro. Gozaram juntos. Isso foi o máximo para ela. “Mais eu falo, mais excitada.” (p.68). Nessa fala de Polaquinha temos a essência da personagem. Ela é guiada pelas palavras, que estão intimamente ligadas à sua sexualidade. No momento de seu primeiro orgasmo, ela queria falar, e quanto mais falava, mais excitada ela ficava. É através das palavras que Polaquinha se satisfaz e se afirma enquanto sujeito de sua sexualidade. Quando ela demandava de João palavras sobre o pênis, ela estava buscando desvendar os segredos que ainda não eram claros para ela. Quando ela obteve esses esclarecimentos, ela passou a negar o que seus amantes queriam ouvir, e fez da palavra sua aliada. “Três vezes goza, o puto. Sem tirar. Nessa altura, todas as posições. Tão alucinada, xingo com raiva. Tudo, menos isso: já sou escrava. Para sempre.” (p. 68). Nessa passagem, novamente aparece Polaquinha relacionando sua fala com sua sexualidade. Ela demonstra seus sentimentos falando, seja por prazer ou por raiva.

E a curiosidade de sempre, de todos os homens com quem Polaquinha relacionou-se: querem ouvir dela se o pênis deles é grande o suficiente para que possam satisfazê-la e quantos amantes ela já teve. “A tua velha obsessão: Se é pequeno? Grosso bastante? Bom tamanho? E dos outros? Como faz com eles? Quantos já conheceu? (...) – Nenhum como você. Nunca me realizei tanto.” (p.69). Ela nega a última informação e fala que com ele foi a melhor realização sexual. Mas dessa vez, ela devolveu a pergunta. Um meio de se livrar da resposta: “- E quantas mulheres, você? Qual é...” (p.70). E funcionou, Pedro se esquivou da resposta, assim como Polaquinha. “Nenhum diálogo – todo confuso, o pobre. Tanta palavra não entende. Deixa sem resposta, não é

falta de educação. Simplesmente bobeira. Difícil não falo, o trivial do cursinho.” (p.70). Ela confere a falta de resposta à incapacidade de Pedro em estabelecer um diálogo coerente, pois ele tem muito pouca educação e não sabe conjugar verbo. O fato de ela devolver a pergunta, foi intencional, pois ela sabia que ele não conseguiria responder, então para se esquivar de ter que responder, ela devolve a pergunta e se livra de ter que dar a resposta. Ela está manipulando Pedro, usando o poder que as palavras lhe conferem para se sobressair em relação ao amante, pois dessa forma ela está em uma posição superior em relação a ele. Por mais que essa falta de vocabulário de Pedro seja um incômodo para ela, como já foi dito anteriormente, Pedro ainda a satisfaz sexualmente.

O sexo passa a ficar violento e sem limites. Pedro é insaciável. Ela lembra de Nando, de como ele era carinhoso e diferente do motorista. Pedro, por outro lado, assumia sua insensibilidade e dizia querer aprender a ser mais carinhoso. “- Sou bruto. Eu sei. Nunca fiz carinho. Mas quero aprender.” (p. 71). Isso pode indicar que a grosseria de Pedro tem origem e sua educação, ou da falta dela. Ele gostaria de ser diferente. Nando ainda é lembrado e comparado a Pedro. Polaquinha diz que Nando sempre fora atencioso e carinhoso, embora nunca tivesse confessado um elogio a ela. Mas Pedro, esse é um bicho selvagem, instintivo. Quer ser servido, não é carinhoso. Mas ainda assim Polaquinha deita e sonha com Pedro. O sonho é também um sintoma. Podemos interpretá-los como um desejo não realizado que volta em forma de imagem, ou seja, a imagem do desejo em forma de sonho. Pedro é o único homem por quem Polaquinha realmente sentiu desejo sexual, e ela gostaria também que ele fosse mais carinhoso, pois muitas vezes ele a machuca na relação sexual. Pedro representa todo o desejo que Polaquinha reprimiu durante todos os anos nos quais ela não tinha as respostas desejadas em relação ao sexo. Esse recalçamento do desejo de saber voltou intensamente em forma de desejo sexual, e o Pedro é a personificação desse desejo. Só com ele o desejo sexual foi plenamente satisfeito.

Pedro confessa a Polaquinha que é casado. Ele precisava ter essa conversa com ela, não podia mais esconder esse fato. “- Tenho uma confissão. Não briga comigo? – Que é casado? Então eu não sei?” Mas ela já sabia, nenhuma surpresa. Mas o fato de Pedro ter contado já faz com que ele se sinta

mais leve. A conversa que se estabelece entre eles, geralmente é durante o sexo, com palavras de baixo calão e muito erotismo. “- Ai, tesão. Bocetinha mais quente. Pisque. Morda com ela. – Bandido, cretino. Não faça isso comigo. Você me mata. – Ai, ai. Tua xoxotinha me queima. Essa lagarta de fogo. – Seu nojento. Por que é tão bom? Fale, seu puto” (p.76). As palavras durante o sexo fazem com que Polaquinha se sinta mais excitada. Quando ela afirma “não faça isso comigo”, se refere a ele dizer essas palavras que fazem com que ela sinta mais desejo, provado pela frase “Fale, seu puto”. Ela quer ouvir o que a excita. A uma altura, Pedro pede que ela diga que o ama: “– Eu te amo. Diga que você...” (p. 76). Ela não diz, e com muita sinceridade confessa que nunca dissera nem para Nando, só disse para João, uma única vez. No entanto, Polaquinha dissera para Nando que o amava no momento de seu primeiro orgasmo. Levada pelo prazer e emoção do momento, ela se declarou a Nando. Mas para Pedro, mesmo diante da insistência dele, ela não cede. “- Te amo baixinha. – Eu te adoro.” (p.77). Ela enxerga nele um certo riso de desprezo depois de confessar amá-la. Polaquinha não confia em Pedro, mas sente um desejo incontrolável por ele.

Ele a força a realizar sexo anal:

Daí me vira brutalmente.  
 - Devagar. Se dói, por favor. Você tira?  
 -Tenha medo. Que não dói.  
 E como dói. Rasga as tuas entranhas, já resolve. Aos gritos, você.  
 - Pare, cuidado.  
 Mais você fala, mais possesso.  
 - Nunca comi um cuzinho tão bom.  
 Dói mais quando penetra. Depois nem tanto. Não, tudo não.  
 - Quero tudo. Oh, boquinha de anjo.  
 - Não. Assim me arrebenta.  
 A cabecinha, um pouco mais. Aquela dor surda e fulgurante. Ainda bem ele goza. Me ponho a chorar.  
 - Ai, não. Assim, não. Cuidado.  
 Tira de um golpe – e dói outra vez.  
 -Olhe, seu puto.  
 No tapete uma gotinha viva de sangue. (TREVISAN, 1985, p. 77-78)

Pedro também se excita com as palavras de Polaquinha, pois mesmo que ela falasse não, ele continuava, achando que esse não significava sim.

Desde o início do diálogo, Polaquinha está relutante em aceitar o sexo anal, mas Pedro, primeiro diz que não dói e continua, Polaquinha pede para ele parar, ele ignora e continua seguindo com o ato, mesmo contra a vontade dela. A voz de Polaquinha foi ignorada por Pedro, ele não quis escutá-la e fez o que teve vontade, sem se importar com ela. Depois se diz arrependido, e Polaquinha dilacerada.

Em outra ocasião, Polaquinha ataca com sexo oral, coisa que ele não estava acostumado, que nenhuma mulher antes havia feito, e dizia sentir cócegas. Agora, não quer mais que ela pare. “Antes não falava – agora aprendeu.” (p.79). Pedro está se expressando mais e melhor. E a obsessão de Pedro em saber se Polaquinha tinha outro homem continua: “Quem é o outro? Quem te ensinou? Bem assim? Não respondo” (p.79). Polaquinha novamente nega falar sobre sua vida e seus relacionamentos anteriores, ela guarda essas informações e não compartilha com ninguém.

Polaquinha se encontra por acaso na rua com Tito. Ele vem até ela e diz que ainda a ama e que não o procure nunca mais. Tito precisava encontrá-la mais uma vez. Beijou-a e afirmou sua paixão. Polaquinha não se abala com a atitude de Tito: “- A gente se vê, Tito. Qualquer dia.” (p. 83). E afirma: “Grande bobo, quem te respeita. Não sabe o que está perdendo.” (p.83). Novamente, temos a expressão usada frequentemente por Polaquinha. Ele, aos olhos dela, é bobo, o mesmo bobo que ela julgava-se ser no início da narrativa. Na verdade, ela nunca fora boba. Indiferente aos sentimentos de Tito, que aparece só para dizer que ela é a perdição da vida dele, ela subestima-o e ainda o chama de bobo.

Agora que ela é detentora do poder das palavras que tanto os homens querem ouvir, o papel se inverte. Ela, de boba que era no início, demandando tanto a palavra de João, passa a ser a esperta, e os homens, os bobos. Ela, agora, não precisa mais deles, mas eles precisam dela e de suas palavras de afirmação da masculinidade que tanto desejam.

Pedro exige uma explicação de Polaquinha sobre o boato de ela ser uma profissional do sexo. Caso seja verdadeiro, será o fim do relacionamento. Polaquinha fica muito braba e exige respeito e retratação do fiscal que disse isso. Pedro diz que não admite que falem mal dela. Depois de muita confusão e

bate boca, Polaquinha sai por cima de toda essa história, pois com argumentos fortes, ela conseguiu provar sua razão e colocar o fiscal em seu devido lugar. Mais uma vez ela se utiliza das palavras a seu favor e mostra que de boba ela não tem nada.

E o relacionamento caminha para uma direção que não a deixa feliz. A essa altura, já está passando as roupas dele, cozinhando e o servindo, de todas as maneiras. Pedro já tem outra amante que implica com Polaquinha. Essa, por sua vez, já não pode pegar mais o primeiro ônibus. E o relacionamento termina. Polaquinha mais uma vez é deixada por um amante. Mas dela, eles não conseguiram o que tanto gostariam de ouvir: palavras de amor e de satisfação sexual plena.

Pedro, na verdade, busca o tempo todo, não uma mulher para satisfazer, mas suprir sua necessidade de satisfazer várias mulheres. Ele é o puto que Polaquinha falou. Ele quer ouvir das mulheres que é bom o suficiente para satisfazê-las e seu pênis grande o suficiente para isso. Demandou de Polaquinha ouvir que ele era o único e ela o amava. Como não conseguiu, partiu para a próxima conquista.

#### **4 A PALAVRA TRANSFORMADA**

Nos sete últimos capítulos temos uma reviravolta na vida de Polaquinha. A partir de agora, ela está sozinha e assumiu sua condição de prostituta. Ela dedica todo seu tempo a esse ofício. O tempo da narrativa passa-se em um dia, no intervalo das treze horas da tarde às dezenove horas da noite. Durante esse tempo, Polaquinha atendeu um cliente por hora. Foram sete. A cada novo cliente, ela vive um ritual, de hora em hora e de cliente em cliente, o ritual se repete. O diálogo é exatamente o mesmo em todos os capítulos:

Você abre a porta:

- Oi. (...)  
 - Alguém já veio?  
 - Você é o primeiro. (...)  
 - É pequeno para você?  
 - Puxa, amor. Tão graaande. Ai, não posso mais.  
 - Já conhecia essa posição?  
 Que maravilha, bem. Como é que...  
 - Inventei agorinha mesmo.  
 Velha conhecida do tempo de mamãe e papai. (TREVISAN, 1985, p. 104-105).

Todos os clientes entram rapidamente no quarto, preocupados para que não sejam vistos, assim como saem da mesma maneira. Nessa fase, as demandas dos homens continuam as mesmas: eles querem saber dela se são os primeiros a chegar, assim como os amantes queriam saber se ela já teve outros homens. Depois perguntam sobre o tamanho do pênis, e sobre a “nova” posição que acabaram de inventar. Esses homens precisam obter de Polaquinha uma confirmação de sua masculinidade e virilidade, assim como se são os primeiros a deitar-se com ela.

Nesse momento, assim como a vida de Polaquinha sofre uma grande mudança, o tempo verbal da narrativa também muda. Agora, a narradora usa a segunda e terceira pessoa do singular. “Você abre a porta. – Oi. Ele sonda resabiado o corredor.” (p.104); “Ele tira o paletó; você, o sapato. Ele a gravata; você, a calça comprida. Ele a camisa; você, a blusa. Ele a calça – oh, não, sem cueca. Cada um senta-se do seu lado da cama. Já te agarra, você se inclina.” (p. 104-105). É como se a narrativa fosse contada por outra pessoa. Polaquinha se nega enquanto prostituta e fala de si como se fosse ela, por não poder assumir essa posição. Todo o poder das palavras em relação aos amantes que ela adquiriu durante o enredo, nesse momento se enfraquece, pois ela já não tem o controle da situação, apesar de continuar manipulando os clientes e falando o que eles querem ouvir. Em relação aos homens, sim, ela continua empoderada em suas palavras, suprindo a necessidade demandada por seus clientes. No entanto, em relação a sua própria sexualidade, ela perdeu totalmente o controle.

Nesse ponto da história, ela se refere a si própria em terceira pessoa. Voltamos aqui ao início da narrativa, quando Polaquinha afirma que não fala dela. É como se a narrativa prostituísse a leitura, assim como a palavra de

Polaquinha aos ouvidos de João, perdeu a pureza. Esse recurso de fala é muito utilizado quando negamos algo, ou alguma situação. Ela, por não aceitar sua condição de prostituta, fala como se fosse outra pessoa. É uma negação de si própria. Isso é comprovado tanto pela mudança no ritmo da narrativa, quanto na maneira com que ela se relaciona com os clientes, de forma mecânica e ensaiada.

O último cliente que chega às sete horas, assim como sua interlocutora durante toda a narrativa, permanecerá como um enigma para nós. O último cliente causa pânico a ela: “Sete da noite. Um simples toque a campainha. Abro a porta: - Oi. Oh, meu Deus, não. Você aqui? Não. Tudo menos você. – Alguém já veio? – Você é o primeiro. Me acuda, Olga. Toca telefone. Chora, nenê, chora.” (p. 120). Na última frase, ela volta a falar em primeira pessoa, atordoada pela visita inesperada e indesejada. Assim, a narrativa se torna cíclica, pois começou com ela falando “De mim já não falo”, e no final, ela nega sua condição de prostituta, por não conseguir lidar com isso, assim como foi comprovado também na discussão com o fiscal de ônibus que era amigo de Pedro. Quando o fiscal falou dela para Pedro, a acusando de ser profissional do sexo, ela negou e foi tirar satisfações, pois não aceitou que falassem dela dessa maneira, pois alegava não ser verdade, quando ela já estava se prostituindo. Ou seja, ela não assumiu sua própria condição.

Quando falamos de nós mesmos, podemos levar nosso interlocutor para o caminho que desejarmos, podemos passar as impressões que queremos que o outro tenha de nós. Miguel Sanches Neto, (1994, p. 68) aponta que Polaquinha encarna uma personagem ao mostrar como sua vida é triste e sofrida, e ela não teve escolhas melhores, por isso acabou se enveredando por caminhos tortuosos. “Desse modo, ela estaria contando aquilo que gostaríamos de ouvir: a velha história da prostituta ingênua e vitimizada.” (p.68). Sanches Neto afirma ainda que Polaquinha criara outro personagem à sua “feição e semelhança”, para satisfazer os desejos de seus clientes, e não os dela. “Dissimulando, ela deixa de ser a explorada que se abre em busca de ajuda, e se torna aquilo que imaginamos que é.” (p. 68-69).

Concordamos com Sanches Neto. No entanto, o que as palavras de Polaquinha nos mostram é uma pessoa que foi em busca de realizar seu prazer. Quando ela fala de si como outra pessoa, ela está negando sua própria

condição e criando uma personagem fictícia. Toda essa vida é triste e dolorosa para ela. Em vários momentos, ela afirma que estudava para o vestibular, fazia cursinho de inglês e trabalhava. Ela tinha orgulho de dizer que sempre trabalhou e nunca precisou de dinheiro de nenhum homem. No entanto, sua necessidade financeira e sexual a levou a esse fim. Sanches Neto afirma que ela criara uma personagem com a qual falava o que seus clientes queriam ouvir, no entanto, no que defende a psicanálise, o indivíduo não consegue dissimular o tempo todo. Através de sua fala, ela deixa escapar indícios de sua personalidade e sintomas que estão inconscientes. Por isso, ninguém consegue dissimular o tempo todo, em algum momento a pessoa se trai pela própria fala.

Lacan (2003) discorre sobre pontos essenciais da psicanálise, incluindo, principalmente, a questão da linguagem e do ato de fala.

O ato de fala aparece menos como comunicação do que como fundamento dos sujeitos numa anunciação essencial. Ato de fundação que podemos perfeitamente reconhecer no equívoco que faz o analista estremecer, no ponto supremo de sua ação, em relação ao qual evocamos, mais acima, o sentido etimológico da responsabilidade. (LACAN, 2003, p.142)

Como afirma Lacan (2003), o ato de fala é parte fundamental do sujeito, e não serve apenas para comunicação. Isso embasa nosso ponto de que quando falamos dizemos muito sobre nós, e cada palavra tem muito valor para chegar até nossa personalidade. Tudo que Polaquinha narrou, de alguma forma, fez parte de sua vida e ajudou a construir quem ela realmente é. Por isso, quando em análise, o paciente deve falar livremente, e o papel do analista é apenas o de ouvir, pois na fala o sujeito se faz.

Ora, o real com que se defronta a análise é um homem a quem é preciso *deixar falar*. É na medida do sentido que o sujeito traz, efetivamente, ao pronunciar o “eu”, que se decide se ele é ou não *aquele que fala*; mas a fatalidade da fala, ou seja, a condição de sua plenitude, pretende que o sujeito, por cuja decisão se mede propriamente, a cada instante, o ser em questão, em sua humanidade, seja tanto aquele que fala quanto aquele que escuta.

Porque, no momento da fala plena, ambos participam de igualmente.  
(LACAN, 2003, p. 143)

No caso de Polaquinha, tanto pelo ponto de vista psicanalítico, como no literário, cabe a nós, ouvintes leitores, que façamos nossa parte nesse processo. Ela conta sua história da maneira que ela sentiu e viveu, e nos últimos capítulos temos a prova que a prostituição não é um fato superado em sua vida, é algo que ela carrega com muita dor e negação. Isso se prova na forma como a narrativa se transforma, pois se ela, no início, contava sua história de maneira clara, no final, ela se esconde atrás de seu próprio discurso.

Polaquinha não se enquadra no papel de moça de família que busca um casamento perfeito e sonha em ser mãe. O desejo dela sempre foi conhecer a vida, o sexo, viver da maneira que lhe fizesse bem. No entanto, esse forte impulso sexual acabou a levando a caminhos não tão felizes. Isso é provado pela mudança no tempo verbal no momento em que ela está, realmente, inserida no contexto da prostituição.

Em “O Mal- Estar na Sociedade”, Freud (1930[1929]) faz uma longa reflexão sobre a felicidade na sociedade. O que leva um homem a sentir-se feliz? O que é felicidade?

O autor começa sua conferência afirmando que a infelicidade provém de três direções: a fragilidade de nossos próprios corpos, condenado à decadência e dissolução; do mundo externo ou poder superior da natureza, e do nosso relacionamento ou inadequação em relação a família, Estado e sociedade. O último é, talvez, o mais penoso de todos.

Os outros métodos, em que a fuga do desprazer constitui o intuito primordial, diferenciam-se de acordo com a fonte de desprazer para a qual sua atenção está voltada. Alguns desses métodos são extremados; outros, moderados; alguns são unilaterais; outros atacam o problema, simultaneamente, em diversos pontos. Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas. (FREUD, (1930[1929] p. 85)

Os dois primeiros motivos de infelicidade citados acima são, de certa forma reconhecidos pelas pessoas, pois é inevitável a decadência de nossos corpos e a luta contra a natureza, pois nunca a dominaremos por completo. Já a terceira hipótese nos causa uma aversão, não conseguimos admitir como não podemos estabelecer regras que guiem nossas vidas, para nosso próprio benefício e proteção.

Como é colocado por Freud (1930[1929]), nosso aparelho psíquico recebe inúmeras influências que nos levam a acreditar que estamos felizes. A busca pela independência do mundo externo em detrimento dos processos psíquicos internos pode levar alguns indivíduos a ter essa sensação de felicidade, pois a realidade é a fonte do sofrimento. O indivíduo não vive a par da realidade, ao contrário, utiliza-se de objetos oriundos desse mundo e mantém um relacionamento emocional com eles. A satisfação dos impulsos instintivos, por exemplo, é considerada como uma libertadora de sofrimentos.

O sentimento de felicidade derivado da satisfação de um selvagem impulso instintivo não domado pelo ego é incomparavelmente mais intenso do que o derivado da satisfação de um instinto que já foi domado. A irresistibilidade dos instintos perversos e, talvez, a atração geral pelas coisas proibidas encontram aqui uma explicação econômica. (FREUD, 1930 [1929], p.87)

O autor atribui essa insatisfação humana à civilização na qual estamos inseridos, pois é essa mesma sociedade que lhe impõe frustrações, e é dela também que buscamos artifícios para combatê-la.

No caso de Polaquinha, essa não aceitação de sua condição de prostituta pode ocorrer, justamente, pela não aceitação dessa atividade pela sociedade. A prostituta é vista com maus olhos diante da Igreja, do Estado, e da sociedade como um todo. Para se assumir como prostituta, ela teria que arcar com um grande ônus que a profissão acarreta. A arma que ela tem para lidar com essa situação é falar sobre isso, assim como ela o fez durante a narrativa. Mas no momento em que chegou a hora de falar da prostituição, ela recuou e negou a própria condição, provando o quão difícil é para ela assumir esse papel.

O amor sexual, ou genital, continua Freud, é uma grande fonte de experiências satisfatórias, fornecendo ao indivíduo, na verdade, um ideal de felicidade. Dessa forma, a pessoa prossegue em busca dessa felicidade em formas de relações sexuais e transforma-a em ponto central de sua vida e sua busca pela felicidade. Dessa forma, o indivíduo torna-se dependente dessa relação perigosa, que é parte do mundo externo, ou seja, o objeto amoroso escolhido. Sendo dependente, a pessoa fica vulnerável a sofrimentos extremos, caso rejeitada pelo objeto ou pela perda deste. “Por esta razão, os sábios de todas as épocas nos advertiram enfaticamente contra tal modo de vida; apesar disso, ele não perdeu seu atrativo para grande número de pessoas.” (FREUD, 1930 [1929], p.107).

Freud aponta que as pessoas utilizam a palavra amor de forma descuidada, justificando-a como um relacionamento entre um homem ou uma mulher cujas necessidades genitais os levou a fundar uma família, ou amor de pais para filhos, entre irmãos e irmãs de uma mesma família. No entanto, o autor afirma que esses sentimentos acima mencionados são descritos como amor inibido ou afeição, e continua explicando que amor inibido foi, de fato, inicialmente, amor plenamente sensual, ou ainda o é no inconsciente do indivíduo.

A neurose é uma forma de lidar com o mal-estar criado pela civilização, pois se o sujeito não consegue lidar com esse sentimento, ela recalca e cria um sintoma. Esse sintoma terá que ser descarregado em forma de palavras. Aí, novamente, entra a importância da fala para a sociedade.

Na civilização descrita pelo autor, a mulher representa os interesses da família e da vida sexual, e seu relacionamento com outros homens e sua dependência para com eles causam um sentimento de alienação nos homens, inclusive de seus papéis de marido e de pai. Assim, a mulher sente-se relegada a segundo plano e acaba por desenvolver uma atitude hostil para com essa civilização. Em seu núcleo, é permitido o relacionamento sexual apenas entre um único homem com uma única mulher, e a sexualidade como fonte de prazer não é de seu agrado, no entanto, essa ação é tolerada, pois não existe outra maneira de propagar a raça humana. A sociedade civilizada cala-se diante

dessa transgressão, assim como diante de várias outras, pois não há meios de combatê-las.

Polaquinha não se enquadra no conceito de felicidade imposto para as mulheres em nossa sociedade. Ela fica a par disso tudo no momento em que escolhe viver da prostituição. Para sentir essa tal sonhada felicidade, ela se entrega à satisfação de seus impulsos sexuais instintivos.

Assim como afirma Vernizi, Polaquinha lutou com as armas que tinha para sobreviver em meio a tantos desmandos de uma sociedade patriarcal na qual as mulheres ainda têm que lutar pelo seu lugar ao sol. Ela não é vítima nem algoz de sua própria vida, ela é vítima da sociedade que impõe padrões e normatizações, principalmente no que diz respeito às mulheres.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos que em, *A polaquinha* (1985), a linguagem e a sexualidade estão intimamente ligadas.

A psicanálise tem como um dos pressupostos principais a fala como meio de cura para sintomas causados por algum evento traumático. Quando o

indivíduo recalca alguma situação ou um sentimento, esse se transforma em sintoma, e para que possa extingui-lo, a fala tem papel preponderante nesse processo. O sintoma é o recalçamento de um desejo ou de uma lembrança, e o desejo, geralmente, tem origem na sexualidade.

A fala de Polaquinha, a princípio, toma forma no enredo como um despertar da sexualidade. Ela demanda uma necessidade de conhecimento sobre o corpo humano, sobretudo o corpo masculino, assim como sobre o sexo. Esse desconhecimento do assunto é conferido aos pais que, por serem muito discretos, nunca tiveram essa conversa com ela, fato esse que despertou em Polaquinha uma curiosidade muito grande sobre o assunto. Ela passou a obter essas informações de João, seu primeiro namorado, que foi quem respondeu às dúvidas sobre o pênis e sobre a relação sexual.

Quando João supriu essa necessidade que tinha em saber dos assuntos do corpo e de sexo, ela passou, aos olhos de João, a perder sua pureza. É como se, através do conhecimento por meio da linguagem ocorresse a perda da pureza e inocência antes preservada. Dessa forma, João passa a hostilizá-la, e Polaquinha passa a deter a palavra que antes não possuía.

A partir do momento em que sua curiosidade fora sanada por meio das conversas com João, Polaquinha se sente mais segura e passa a ter relacionamentos sexuais com homens mais velhos. Esses homens precisam ouvir dela uma confirmação da masculinidade e sobre se o pênis deles é bom o suficiente para satisfazê-la. Eles demandam dela, também, o conhecimento sobre sua pureza, perguntando se eles são os primeiros amantes dela ou com quantos homens ela já se deitou. Essa demanda de autoafirmação dá-se pela necessidade de obter de Polaquinha o conhecimento que agora ela detém sobre o sexo e o pênis. Polaquinha, a essa altura, entendeu a importância da fala nas relações humanas e utilizou-a, retendo-a ou proferindo-a, sempre a favor de seus interesses.

Nos últimos capítulos do livro, há uma reviravolta na linguagem empregada por Polaquinha. Ela passa a falar de si como se fosse outra pessoa, levando-nos a entender que nega a situação em que se encontra.

Nesse ponto do enredo, narra seus momentos como prostituta, e o tempo da narrativa se passa todo em uma tarde.

Sanches Neto entende que Polaquinha encarna uma personagem para dizer aquilo que seus clientes querem ouvir, assim como o que nós, leitores queremos ler: a história da prostituta “ingênua e vitimizada”. No entanto, sob os pressupostos da psicanálise, a fala é parte fundamental do sujeito e não atua apenas como comunicador. Quando falamos, não podemos dissimular o tempo todo, em algum momento deixamos pistas em nossa fala de quem somos e o que faz parte de nossa história, seja por lapsos, chistes, choros, e até mesmo sonhos.

Vernizi analisa a obra sob uma perspectiva dos pressupostos da sociedade patriarcal e construções de gênero. Ela afirma que Polaquinha foi usada e explorada por seus amantes e vítima de uma sociedade na qual a mulher ainda tem que lutar por seus direitos e o machismo ocupa um lugar significativo em todas as esferas da sociedade. A autora conclui ainda que, em relação às escolhas de Polaquinha, ela não é vítima nem algoz de sua história, mas sim uma mulher que lutou com a “arma mais poderosa que possuía”, a sensualidade. Para a psicanálise, esse dualismo entre vítima e algoz não se sustenta. Ela se faz de vítima aos olhos de seus amantes, e é algoz de seus clientes. Mas também é responsável por suas escolhas.

A leitura psicanalítica de *A polaquinha* (1985) nos leva ao questionamento de, se na obra de Dalton, esse tema que permeia a linguagem e a sexualidade ocorre também em outras obras que têm como protagonista uma mulher. Caso a resposta seja positiva, a pergunta se estende ao problema de, se esse tema é recorrente apenas em personagens femininas, ou transpassa também os masculinos? Seria interessante, portanto, um desdobramento dessa pesquisa no sentido de verificar em outras obras a recorrência do tema que foi foco central de nossa análise. Para tanto, será necessário um aprofundamento da teoria psicanalítica, assim como uma expansão na leitura das obras de Dalton Trevisan.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. **Estudos sobre a Histeria (1893-1895)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. II)

\_\_\_\_\_. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1925)”. In: \_\_\_\_\_. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. ESB, v. VII

FREUD, S. “O esclarecimento sexual das crianças (Carta aberta ao Dr. M. Fürst) (1924)”. In: \_\_\_\_\_. **Gravida de Jensen e outros trabalhos (1906-08)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. ESB, v. IX

\_\_\_\_\_. “O Mal-Estar na civilização (1930 [1929])”. In: \_\_\_\_\_. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. ESB, v. XXI

\_\_\_\_\_. “Feminilidade (1933)”. In: \_\_\_\_\_. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. EBS, v. XXII

\_\_\_\_\_. Esboço de Psicanálise (1940[1948]). In: \_\_\_\_\_. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. ESB, v. XXIII

\_\_\_\_\_. O trabalho prático(1940[1948]). In: \_\_\_\_\_. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. (ESB, v. XXIII, pp. 110-125)

LACAN, Jacques. Discurso de Roma. In: **Outros escritos**, Rio de Janeiro: Zahar, 2003

\_\_\_\_\_. A psicanálise verdadeira, e a falsa. In: **Outros Escritos**, Rio de Janeiro: Zahar, 2003

\_\_\_\_\_. O simbólico, o imaginário e o real. In: **Nomes-do-pai**, Rio de Janeiro: Zahar, 2005

NETO, Miguel S. **O ARTIFÍCIO OBSCENO**: visitando a polaquinha. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1994

TREVISAN, Dalton. **A Polaquinha**. Curitiba: Círculo do livro, 1985

VERNIZI, Rosangela N. **Erotismo e transgressão**: a representação feminina em A polquinha de Dalton Trevisan. 2006. 120f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba, 2006